

## OS PERIÓDICOS E OS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE ROMANCES NO SÉCULO XIX

Andréa Correa Paraiso Müller (UEPG)

**RESUMO:** pesquisadores da literatura do século XIX, sobretudo do romance. Gênero ainda em processo de consolidação ao longo do Oitocentos, o romance encontrou nos periódicos espaço de divulgação e debate. A pesquisa em periódicos permite evitar certos anacronismos em que muitas vezes incorrem as histórias literárias quando se baseiam em critérios do presente para elencar autores e obras de uma determinada época, desconsiderando a leitura no período do qual pretendem tratar. A imprensa possibilita ao pesquisador conhecer elementos que as histórias literárias, não raro, negligenciam, tais como as preferências dos leitores e os critérios de avaliação crítica da produção artística. Neste trabalho temos por objetivo refletir sobre os critérios de avaliação de romances em meados do século XIX a partir da circulação e da recepção crítica de um romance brasileiro (**A filha da vizinha**, de Antonio José Fernandes dos Reis) festejado em sua época de surgimento (meados do Oitocentos) e posteriormente esquecido. Tal romance destoa dos critérios por meio dos quais passou-se a avaliar a prosa de ficção a partir de fins do século XIX e início do XX. No entanto, o sucesso que obteve junto aos críticos que se expressavam na imprensa quando de sua primeira publicação em um periódico (**O Correio da tarde**, em 1859) indica que ele estava em perfeita consonância com os parâmetros que norteavam a apreciação de romances naquele momento, tendo sido, inclusive, recomendado em detrimento de romances hoje canônicos. Estudar essa recepção proporciona o conhecimento desses parâmetros e uma melhor compreensão do universo letrado de meados do Oitocentos, assim como da leitura de romances naquele período.

Palavras-chave: Periódicos. Século XIX. Romance. Leitura.

### Introdução

No percurso de consolidação do gênero romanesco no Brasil, ao longo do século XIX, a imprensa exerceu papel relevante. Os periódicos serviram não apenas como veículos de difusão de romances — tanto traduções de sucessos da prosa ficcional estrangeira quanto produções locais — mas também como espaço para a discussão sobre o gênero.

A imprensa oitocentista, incluindo os jornais diários e as chamadas revistas literárias, constitui um rico manancial de fontes primárias para os pesquisadores que se debruçam sobre a história da leitura de romances no Brasil. As histórias literárias

costumam pautar-se por critérios desenvolvidos, sobretudo, a partir do século XX e, ao abordarem o romance oitocentista, limitam-se às obras e autores que se tornaram, posteriormente, canônicos. No entanto, uma consulta aos diversos periódicos que circulavam pelo país no século XIX demonstra que a leitura de romances no Brasil era algo muito mais amplo do que podem fazer supor histórias literárias e livros didáticos. A pesquisa em periódicos permite evitar certos anacronismos em que as histórias literárias comumente incorrem quando desconsideram a leitura no período do qual pretendem tratar e baseiam-se em critérios do presente para elencar obras e autores do passado. Tomar a imprensa oitocentista como fonte primária possibilita ao pesquisador conhecer os romances em circulação no Brasil oitocentista, as prováveis preferências dos leitores, assim como os critérios de avaliação crítica da produção artística.

A partir de tais considerações, o presente trabalho tem por objetivo compreender melhor os critérios de avaliação de romances em meados do século XIX por meio do estudo da circulação e recepção de um romance brasileiro de sucesso em sua época e posteriormente esquecido: **A filha da vizinha**, de Antonio José Fernandes dos Reis.

### Um romance de sucesso

O romance **A filha da vizinha**, hoje desconhecido, obteve considerável sucesso quando de seu surgimento. A primeira publicação foi nos rodapés do jornal **O Correio da tarde**, do Rio de Janeiro, ao longo do segundo semestre de 1859. Ao final daquele ano, o texto completo foi impresso em livro pela tipografia do mesmo periódico.

O autor, Antonio José Fernandes dos Reis, traduzia romances para os folhetins do **Correio da tarde** e, entre 1861 e 1868, também para o **Jornal do Commercio** (BLAKE, 1883, p. 215), periódico para o qual viria a concluir, em 1862, a tradução de **Os miseráveis**, de Victor Hugo, iniciada por Justiniano José da Rocha (AGUIAR, 2002).

Ao ser lançado como livro, o romance de Fernandes dos Reis foi saudado na imprensa da corte por notas e artigos elogiosos. **O Correio da tarde**, provavelmente com o intuito de divulgar a obra, reproduziu algumas das notas veiculadas por outros

jornais. Em 21 de dezembro de 1859, transcreveu o texto originalmente publicado no periódico **O Espelho**:

Não podemos deixar de pedir o acolhimento publico para esta nova publicação. A falta de romances originais brasileiros é geralmente reconhecida, e assim cumprimos um dever applaudindo todo o escriptor que se propõe [...] a desenvolver tantas scenas curiosas que em família passam entre nós despercebidas (O CORREIO DA TARDE, 1859, p. 2).<sup>1</sup>

O autor da nota, que assinava com as iniciais M. G., não se alongou apontando qualidades no texto de Fernandes dos Reis; o simples fato de tratar-se de um romance brasileiro parece bastar para recomendá-lo. Diante da alegada escassez de produções nacionais, o jornalista demonstrava sentir-se no dever de incentivar os escritores. O mesmo sentimento se depreende de outra nota a respeito de **A filha da vizinha**, desta vez publicada no **Jornal do Commercio** e também reproduzida n' **O Correio da tarde**, oito dias após a primeira:

Aos Srs. Redactores das nossas folhas cumpre fazer uma analyse completa d'esse bello romance, desempenhando assim um dos primeiros deveres, que é animar as producções dos talentos (O CORREIO DA TARDE, 1859, p. 2).

Em 26 de fevereiro de 1860, a **Revista Theatral** publicou uma crítica bastante elogiosa ao romance, aludindo, assim como a nota veiculada pelo periódico **O Espelho**, à suposta falta de produções literárias brasileiras:

A litteratura essa base da civilisação dos povos e da qual se faz sentir a falta neste poetico e inspirador solo, rico de natureza, acaba de ser enriquecida com um magnifico mimo filho da fecunda imaginação do Snr. Antonio José Fernades dos Reis — *A filha da visinha* (REVISTA THEATRAL, 1860, p. 53).

---

<sup>1</sup> Em todas as citações de textos extraídos de periódicos do século XIX, mantivemos a grafia original. Os periódicos foram consultados no Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade Estadual de Campinas.

Após referir-se ao sucesso que **A filha da vizinha** vinha obtendo na imprensa do período, o articulista, que assinava R. P., incentivou Fernandes dos Reis a continuar a escrever:

Talvez seja tarde para felicital-o depois da imensa e justa aceitação que obteve, e dos merecidos encomios que lhe hão prodigalisado os jornaes da corte e de fóra della. [...] O Snr. Fernandes dos Reis é um moço de grande talento [...] nós o aconselhamos que prosiga, não queira privar a patria com a falta de seus escriptos (REVISTA THEATRAL, 1860, p. 53).

Ao fazer menção à pátria, argumentando que o romancista não poderia privá-la de seus escritos, o crítico deixava entrever a preocupação com a edificação de uma literatura nacional. É importante lembrar que, ao longo do século XIX, essa preocupação estava muito presente entre críticos e escritores. Por isso, não é difícil encontrar textos do período em que literatos denotavam empenho em incentivar a produção de escritores locais. Em um artigo publicado na **Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios** em dezembro de 1865, o crítico F. T. Leitão, ao comentar e elogiar o romance **Paulo**, de Bruno Seabra, lamentava a escassez de escritores românticos nacionais, de modo especial autores que abordassem assuntos históricos e tradições do país, como fazia Bruno Seabra no referido romance. Ainda assim, arrolou escritores brasileiros que, para ele, aproximavam-se desse modelo, entre eles Fernandes dos Reis:

Mas, enquanto essa desejada revolução não se vê consolidada, ou ao menos com probabilidades de o ser, não é desassissado demorar-me alguns minutos contemplando outras obras de autores nacionaes, obras que de alguma fôrma se aproximão da estrada exposta. O Dr. Macedo é o primeiro a ser apresentado com a *Moreninha*, *Roza*, *Dous Amores*, *Moço loiro* e outras, José de Alencar, Teixeira e Souza, Dr. Teixeira, Manoel de Almeida, Fernandes dos Reis, Pinheiro Guimarães, Bruno Seabra e poucos mais, seguem o incansável autor da *Carteira de meu tio* (LEITÃO, 1865, p. 207).

Leitão prosseguia lamentando a escassez de escritores e a demora dos romancistas brasileiros em publicar seus escritos. A falta de produções nacionais

prejudicava, na opinião do crítico, a literatura brasileira, uma vez que os romances estrangeiros predominavam na imprensa local:

E a litteratura patria soffre bastante com essas faltas porque enquanto uns dormem demasiadamente sem cousa alguma produzir, ou sem terminar as obras em parte impressas; enquanto outros tem-n'as promptas sem as dar á publicidade; o *Diario* e o *Jornal do Commercio* traduzem do francez quanto vem do diabo, o *Constitucional* publica um romance de Berthoud e o *Correio Mercantil* mimosêa os seus leitores com um romance de assumpto nacional, porem de uma grande intelligencia portugueza! (LEITÃO, 1865, p. 207).

F. T. Leitão terminou seu artigo, como era de praxe, recomendando o romance que abordou. Assim como procedera o crítico da **Revista Theatral** em relação a Fernandes dos Reis, incentivou Bruno Seabra a levar avante sua carreira nas letras nacionais:

Concluindo, resta-me declarar que tenho-o *Paulo* na categoria de um recommendavel romance nacional. O autor, sendo muito joven, já nos tem provado quanto valem seus recursos intellectuaes. Se não desanimar na viagem começada, ha de occupar um distinctissimo lugar entre os talentosos filhos da patria de José Bonifacio (LEITÃO, 1865, p. 211).

As preocupações de F. T. Leitão nesse artigo são representativas das inquietações de grande parte dos literatos brasileiros de meados do século XIX: incentivar e fortalecer a literatura nacional, promover as produções brasileiras e, diante de tantos romances estrangeiros, estimular a leitura de obras nacionais.

A grande aceitação de romances franceses junto ao público impelia os homens de letras empenhados na promoção da literatura nacional a manifestarem-se nas páginas dos periódicos. Na edição de abril a junho de 1862 da **Revista Popular**, um artigo anônimo intitulado “O amor próprio” deplorava o desconhecimento, por parte das moças, de sua própria língua materna e o interesse que elas demonstravam pelo idioma e pelos romances franceses, considerados corruptores da inocência:

A educação litteraria entre nós é a causa primaria do mal, porque falta o amor proprio. A moça de educação esmerada, [...] que lingua aprendeu senão a franceza? Ignora os preceitos rudimentares da sua lingua, nunca viu mesmo a grammatica potugueza; mas sabe francez, quanto basta para ler o *Courrier des Dames* e uma dose de romances que depravão o coração, corrompendo a innocencia (REVISTA POPULAR, 1862, p. 241).

No extrato acima, além da preocupação com a questão da nacionalidade, observa-se também o emprego de outro critério importante na avaliação de romances no século XIX: a moral. Até boa parte da segunda metade daquele século, críticos e escritores acreditavam na capacidade da literatura de influenciar o pensamento e as atitudes dos leitores (MÜLLER, 2012); por isso, eram bem avaliados os romances considerados morais, ou seja, que não apresentassem exemplos tidos como reprováveis (ABREU, 2003).

O romance **A filha da vizinha** foi elogiado na imprensa brasileira do seu tempo com base, pois, em dois dos principais parâmetros da época: a nacionalidade e a moral. Se nos artigos e notas publicados na **Revista Theatral** e no jornal **O Correio da tarde**, o romance de Fernandes dos Reis foi saudado com entusiasmo por tratar-se de mais uma produção nacional que vinha reforçar uma literatura em processo de formação, no artigo que vamos abordar a seguir, publicado na **Revista Popular** em 1º de outubro de 1860, a moral aparecia como principal baliza para a aprovação da obra. O autor do artigo, o crítico Nuno Alvares Pereira e Sousa, contrapunha **A filha da vizinha** justamente a um romance francês, o hoje canônico **Madame Bovary**, de Gustave Flaubert, que havia sido publicado em livro na França em 1857, após sofrer processo por imoralidade quando do seu surgimento em capítulos na **Revue de Paris**. Nuno Alvares reprovou severamente o romance de Flaubert, comparando-o a um veneno de efeito lento, perigoso para as “almas incautas”:

Romances como esses são mil vezes peores que os contos de Boccaccio ou as narrativas de Brantome; são venenos lentos, que se deslizam imperceptivelmente pelo coração, e que pouco a pouco se inoculam nas almas incautas, que sempre se deixam levar pelo lado romantico ou da imaginação (SOUSA, 1860, p. 85).

A metáfora do romance como veneno lento era empregada pelos detratores do gênero romanesco desde, pelo menos, o século XVIII (ABREU, 2003; CHARTIER, 1995). Nuno Alvares não era um detrator do gênero, mas distinguia, pelo critério moral, os bons dos maus romances. Afirmando não existirem na literatura brasileira romances como **Madame Bovary**, o crítico elogiava a moralidade de **A filha da vizinha**:

Felizmente para a nossa litteratura, esse genero é verdadeiramente desconhecido entre nós, e para isso fazemos apello a uma ultima publicação brasileira.

*A Filha da Vizinha* [...] é um livro, que sem prejuizo algum pode ser lido por todos. O seu auctor comprehendeu que as nossas familias precizão de obras cheias de moralidade e que afastem das suas mãos a mor parte das traducções, que não so pecão na pureza da linguagem, como nem sempre são muito felizes os traductores nas suas escolhas (SOUSA, 1860, p. 85).

Pode parecer descabido, aos olhos dos leitores de hoje, reprovar **Madame Bovary** e elogiar entusiasticamente **A filha da vizinha**. Ao fazê-lo, porém, Nuno Alvares estava simplesmente empregando os critérios predominantes em sua época. Sua análise torna-se compreensível quando deixamos de lado as posturas anacrônicas e levamos em conta a leitura e recepção de textos em meados do século XIX. De acordo com o principal critério de avaliação de romances naquele período, a moral, **A filha da vizinha** parecia recomendável, em detrimento de **Madame Bovary**.

Conforme esses critérios foram-se modificando, romances como o de Flaubert e tantos outros recebidos inicialmente como imorais passaram a ser valorizados, ao passo que muitos dos aclamados em seu tempo vão, naturalmente, caindo no esquecimento. Ao final do Oitocentos, novas maneiras de ler e avaliar a prosa romanesca foram-se firmando e, em detrimento da antiga exigência de moralidade, ganharam valor aspectos relacionados à forma, à elaboração artística do conteúdo (AUGUSTI, 2008, p. 410). Entretanto, quando Fernandes dos Reis publicou **A filha da vizinha**, seu romance estava em perfeito acordo com as convenções e critérios daquele momento, o que explica seu positivo acolhimento na imprensa de então.

### Considerações finais

As obras que a história literária consagra nem sempre são as que foram mais significativas na época de seu surgimento. Ao não levar em conta as práticas de leitura do passado e o universo cultural mais amplo em que elas se inserem, a história literária corre o risco de transmitir uma imagem fictícia da literatura do passado, como assinala Robert Darnton:

Os grandes livros fazem parte de um conjunto canônico de clássicos selecionados retrospectivamente, ao longo dos anos, pelos profissionais que se encarregaram da literatura \_\_ isto é, pelos críticos e professores universitários [...]. Esse tipo de literatura talvez nunca tenha sequer existido fora da imaginação dos profissionais e seus estudantes (DARNTON, 1995, p. 145).

Ao estudar a recepção de **A filha da vizinha** na imprensa oitocentista, não temos, de modo algum, a intenção revisionista de reclamar uma consagração desse romance em detrimento daqueles que se tornaram canônicos. O intuito foi compreender melhor, por meio dos periódicos, os critérios de avaliação crítica da produção literária em meados do século XIX e, assim, obter uma visão mais ampla e menos anacrônica da leitura de romances no Brasil.

## Referências

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

AGUIAR, Ofir Bergemann. Os miseráveis no rodapé do Jornal do Commercio: uma tradução integral e semântica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL VICTOR HUGO, 1, 2002, Belo Horizonte, **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte, 2002, v. 1. Disponível em: [www.lettras.ufmg.br/victorhugo](http://www.lettras.ufmg.br/victorhugo). Acesso em: 08 jun. 2015.

AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculcto à apreciação douta. Consagração do romance no Brasil do Oitocentos. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajatórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2008.



BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEITÃO, F. T. Paulo. **Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 207, dez. 1865.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. **De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Madame Bovary**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2012.

O CORREIO DA TARDE, Rio de Janeiro, n. 290, p. 2, 21 dez. 1859.

O CORREIO DA TARDE, Rio de Janeiro, n. 298, p. 2, 29 dez. 1859.

REVISTA THEATRAL, Rio de Janeiro, n. 7, p. 53, 26 fev. 1860.

SOUSA, Nuno Alvares Pereira e. A filha da vizinha: romance do Sr. Antonio José Fernandes dos Reis. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, t. 8, p. 84-89, out./dez. 1860.